

>> *Temática Especial 3*

ENTREVISTA – Mauro Betti, por Alan Q Costa – 01 de julho de 2023

Mauro Betti¹
Alan Queiroz da Costa²

Resumo: Entrevista realizada com o Prof. Dr. Mauro Betti (UNESP), por Alan Q Costa (UPE), em julho de 2023, para compor o Dossiê “Educação Física e Linguagens: mídias, tecnologias e cultura digital na escola”.

Palavras-chave: Mauro Betti. Entrevista. Dossiê Educação Física e Linguagens: mídias, tecnologias e cultura digital na escola.

INTERVIEW – Mauro Betti, by Alan Q Costa – July 1, 2023

Abstract: Interview conducted with Prof. Dr. Mauro Betti (UNESP), by Alan Q Costa (UPE), in July 2023, to compose the Dossier “Physical Education and Languages: media, technologies and digital culture at school”.

Keywords: Mauro Betti. Interview. Physical Education and Languages Dossier: media, technologies and digital culture at school.

ENTREVISTA – Mauro Betti, por Alan Q Costa – 1 de julio de 2023a

Resumen: Entrevista realizada al Prof. Dr. Mauro Betti (UNESP), por Alan Q Costa (UPE), en julio de 2023, para redactar el Dossier “Educación Física y Lenguajes: medios, tecnologías y cultura digital en la escuela”.

¹ Doutor em Educação (UNICAMP), professor visitante do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais (IFSULDEMINAS). E-mail: maurobettiunesp@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4252-6188>

² Doutor em Ciências da Comunicação (ECA/USP), Professor da Escola Superior de Educação Física (ESEF) e do Programa de Pós-graduação em Educação Física em Rede Nacional (PROEF) da Universidade de Pernambuco (UPE), E-mail: alan.qcosta@upe.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5915-0973>

Palabras clave: Mauro Betti. Entrevista. Dossier Educación Física y Lenguas: medios, tecnologías y cultura digital en la escuela.

1 Considerações iniciais sobre a entrevista

Entre os três organizadores deste dossiê, houve uma divisão para cada um(a) contactar e entrevistar um(a) de nossos(a) convidados(a). Eu, Alan Q. Costa, fiquei encarregado de fazer a entrevista com o Prof. Mauro Betti, que foi contactada primeiramente por *WhatsApp*, aceitando o convite, e posteriormente, com o envio do roteiro para uma pré análise. O entrevistado optou por uma gravação da entrevista que foi realizada de maneira remota, com apoio da plataforma Stream Yard e gravada em 01 de junho de 2023. O entrevistador estava em Recife/PE e o entrevistado em Bauru/SP e foi conduzida a partir do roteiro pré-elaborado, mas conduzida como um “bate-papo” entre amigos e posteriormente transcrito para esta publicação.

O professor Mauro Betti é licenciado e mestre em Educação Física pela USP, Doutor em Educação pela UNICAMP, Livre-Docente pela UNESP e Pós-Doutor pela Universidade Federal de Santa Catarina. Foi Professor da USP e UNESP e é autor de inúmeros artigos em periódicos especializados e de diversos livros referências na área, dentre eles “Educação Física e Sociedade”³ e “A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física”⁴, este último, aniversariante de 25 anos em 2023.

Figura 1 – Professor Mauro Betti



Fonte: Momento da entrevista e acervo pessoal / Elaborado pelos Autores

A aproximação do entrevistador, Prof. Dr. Alan Queiroz da Costa, com o entrevistado já tem algumas décadas, quando o entrevistador assistiu uma palestra do prof. Mauro Betti no V Congresso Mundial de Lazer realizado em São Paulo e promovido pelo SESC em 1998. Enquanto o recém formado professor de educação física estava em busca de encontrar seu

³ BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade**. 1.ed. São Paulo: Movimento, 1991.

⁴ BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro; esporte, televisão e educação física**. 1.ed. Campinas: Papyrus, 1998.

caminho na área, o prof. Mauro já trazia para o campo uma das obras nacionais mais importantes para a Educação Física num assunto inédito e inexplorado na área com o tema: "A janela de vidro; esporte, televisão e educação física", sua recente publicação e, como já citado, "aniversariante do ano"!

Esse primeiro contato com o trabalho do prof. Mauro não foi tão próximo, mas despertou, no entrevistador, o interesse pela temática das Mídias e suas relações com a Educação Física, fazendo-o acompanhar "par e passo" produções, eventos e palestras que Mauro desenvolvia.

Após algum tempo lendo, estudando e buscando "novos olhares, outras práticas"⁵ nas aulas de Educação Física, foi no VII Seminário de Educação Física Escolar, tradicional evento promovido pela Escola de Educação Física e Esportes (EEFE) da Universidade de São Paulo (USP) em 2003 que a aproximação se transformou em parceria, no mesmo ano, por ocasião da seleção de mestrado da Universidade Estadual Paulista (UNESP Rio Claro), onde o entrevistado seria o orientador do entrevistador.

Naquele momento, os estudos sobre a interface da Educação Física e as Mídias já abarcava diversos temas como mediação, recepção, "esporte telespetáculo", técnica, estética além do mercado esportivo e, no interior do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE) o Grupo Temático de Trabalho (GTT) 2 - Comunicação e Mídia⁶ já se mostrava mais robusto e estruturado, dando suporte às pesquisas e estudos deste subcampo⁷.

Para além da relação acadêmica, a amizade e respeito mútuo se manteve intacta e, coincidentemente, 20 anos após um primeiro contato, surge a oportunidade de realização desta entrevista como forma de reconhecimento das contribuições do prof. Mauro Betti não só para a Educação Física brasileira, mas também como inspiração para toda uma rede de professores de Educação Física que carregam seu legado, seja nas pesquisas e programas de pós-graduação como também nas quadras e ginásios de escolas por todo o país!

2 Entrevista com o Prof. Dr. Mauro Betti (UNESP)

Nesta seção apresentamos o conjunto das questões formuladas ao Prof. Mauro Betti e, na sequência, suas reflexões e considerações, mantendo o formato de perguntas e respostas.

Alan Q Costa (AQC): Quem é o Mauro Betti?

Mauro Betti (MB): *Eu costumo me apresentar, para além de uma lista de realizações acadêmicas, simplesmente como "professor de educação física e um cidadão brasileiro", que eu acho já é o bastante para a gente entender uma vida. Uma vida de educação física, mas Educação Física não é uma coisa abstrata, é algo que se concretiza em algum lugar e em algum tempo.*

⁵ BETTI, Mauro. **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2003. v. 1. 137p

⁶ Mais informações disponíveis em: <https://www.cbce.org.br/gtt/gtt02-comunicacaoemidia>

⁷ MEZZARROBA, Cristiano. **A formação e constituição de um subcampo acadêmico: a mídia-educação na educação física** – configurações, perspectivas e inflexões. 2018. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/198612>. Acesso em: 11 ago. 2022.

AQC: Obrigado Mauro. Por ocasião do dossiê, elaboramos um roteiro de questões, mas gostaria que você se sentisse à vontade, vamos bater um papo, vamos dialogando. A primeira questão é a seguinte: Quando observamos o início das relações entre mídias, tecnologias e educação física, percebemos que o seu nome sempre é considerado como um dos precursores no campo da Educação Física brasileira. Como você analisa hoje, a partir da sua trajetória, suas contribuições e implicações no campo da educação física?

MB: *A minha trajetória... vamos ter que voltar um pouco no tempo... Eu diria que comecei a minha carreira, (apesar de não ser uma carreira formal) quando eu era aluno em uma escola pública que tinha uma tradição muito grande de educação física e esporte - e que existe até hoje - a Escola Estadual Albino César, no Tucuruvi, na Zona Norte de São Paulo-capital. Porque eu tive professores muito bom; embora estivéssemos no período da esportivização (final da década de 60, início da década de 70) eram professores que se empenhavam em ensinar de fato. Evidentemente eram muitas atividades esportivas e eu gostava muito de esportes. Eu joguei basquete em clube, treinei atletismo, com isso, já entrei no ensino médio com a intenção de fazer o vestibular para o curso de educação física, o que de fato eu fiz. Ingressei, em 1978, na Escola de Educação Física da USP⁸, numa época em que ser professor de Educação Física não tinha muito status. Eu de classe média... eu não posso dizer classe média alta... classe média-média, “média mixa”, como dizia minha mãe. Aquela que vai no shopping para ver o que os outros estão comprando..., mas de certa forma, talvez eu poderia ter ingressado no curso mais tradicional, mais “nobre”, tipo medicina. De fato, minha pontuação do vestibular talvez desse até para entrar em medicina, mas eu sempre tive uma paixão pela educação física. E felizmente meus pais não se opuseram, respeitaram a minha decisão. E aí começa tudo. Eu fui professor num centro esportivo público em São Bernardo do Campo. Eu trabalhava em projetos de esporte, com os filhos e filhas de operários do ABC em São Bernardo. Em Santo André, São Bernardo e São Caetano... aliás, foi lá que (res)surgiu o movimento sindical, mesmo, em plena ditadura.*

AQC: Para quem não conhece, o ABC paulista tem essa tradição de indústria automobilística... E quando é que apareceu a relação com a educação física e mídia nesse teu percurso?

MB: *Então, já tô falando demais! [risos] Ingressei, logo em seguida, como professor da rede Municipal de Ensino de São Paulo, onde eu passei por três escolas que me deram uma experiência enorme, uma vivência muito concreta do que é trabalhar numa escola pública com educação física. Em 1971 surgiu a oportunidade de trabalhar na Escola de Educação Física da USP, na disciplina “Prática de Ensino”, por convite do professor Daniel Carreira Filho⁹. Naquela época não tinha concurso público. Havia concurso, mas não era obrigatório para ingresso inicial. E foi uma experiência ímpar, porque eu era, simultaneamente, professor de escola na Educação Básica (trabalhei do terceiro a oitava séries, equivalente ao que seria hoje segundo a sétimo ano) e professor de Prática de Ensino, cuja função era preparar os professores para o trabalho concreto nas escolas. Era um pouco diferente da formação de hoje. Na Escola de Educação Física, ingressei no mestrado que havia sido recém aberto na USP, foi o primeiro mestrado em educação física do país. Iniciou,*

⁸ Mais informações disponíveis em: www.eefe.usp.br

⁹ Mais informações disponíveis em: <https://blogs.gazetaesportiva.com/danielcarreirafilho/>

se não me engano, em 1978 e eu ingressei em 1981. Ou começou em 1976, eu acho... por aí... então foi no mínimo nas primeiras cinco turmas. E como eu gostava muito de sociologia, eu fiz quase dois anos de Ciências Sociais na PUC, curso que não completei. E eu pensei então: “tá bom, o que que eu vou pesquisar?” Falei: “eu vou trazer um foco sociológico para educação física na escola”. E procurei quem me orientasse. Bom, lá na unidade da Educação Física não tinha, então eu fui na Faculdade da Educação da USP, e a primeira porta que eu bati foi a do Professor Celso de Rui Beisiegel¹⁰; eu nem sabia exatamente quem ele era, mas era um acadêmico, um pesquisador de muito prestígio. Anos depois ele foi pró-reitor de ensino da USP. Ele era também um amigo e grande estudioso de Paulo Freire... que hoje parece que a Educação Física (re)descobriu. O (Elenor) Kunz¹¹ trabalha com Paulo Freire no livro “Educação Física: ensino e mudança”¹². Aí, na dissertação “Educação Física e Sociedade” eu fiz um modelo sistêmico, baseado na teoria dos sistemas, com enfoque sociológico, e percebi que havia influência de outros sistemas sociais sobre a educação física escolar. No livro eu destaquei o sistema médico (saúde, higienismo, etc.) e o sistema esportivo, a partir da década de 1960, com maior influência a partir da década de 70. Bom, aí então o livro teve uma boa repercussão, tem algumas contribuições que até hoje acho que perduram. Muitos anos depois eu entrei no doutorado, em 1991-92, quando eu percebi foi que havia um outro sistema que, naquele momento, já que era muito mais importante que o militar ou que o de saúde, que eram exatamente as mídias, em especial a televisão. Talvez os mais jovens não compreendam, mas a TV aberta era o que existia, era massificado, e tinha uma cobertura de esportes relativamente grande. Parece que talvez até muito mais do que hoje. Eu percebia isso no cotidiano, como professor, a influência de como o que aparecia sobre esporte na televisão acabava repercutindo lá na quadra. Então resolvi estudar isso. Comecei a ler e decidi fazer uma interpretação do discurso da televisão aberta sobre o esporte. Encontrei na hermenêutica de Paul Ricoeur¹³ um método. Ingressei na Faculdade de Educação da Unicamp, com orientação do professor Nelson (Carvalho) Marcellino¹⁴ que, embora fosse do campo de Lazer e da Educação Física, pode me orientar na Educação. Naquele tempo você podia fazer isso, eu levei seis anos para fazer o mestrado e seis anos para fazer doutorado. Fazendo um parêntese: não vejo que o sistema de pós-graduação melhorou, eu acho que ele piorou. Só melhoraram os números, a quantidade, mas a qualificação dos trabalhos, evidentemente, não

¹⁰ Mais informações disponíveis em: <https://www4.fe.usp.br/memoria-do-corpo-docente-celso-de-rui-beisiegel>

¹¹ Mais informações disponíveis em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/view/38538/29371>

¹² KUNZ, E. **Educação Física: ensino e mudança**. Ijuí: Unijuí, 1991. Mais informações disponíveis em: <https://cev.org.br/qq/elenor-kunz-1/>

¹³ Paul Ricoeur foi um dos grandes filósofos e pensadores franceses do período que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Ele desenvolveu contribuições para a fenomenologia e a hermenêutica, em constante diálogo com as ciências humanas e sociais. Mais informações sobre Ricoeur disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Paul_Ric%C5%93ur A partir do referencial utilizado pelo prof. Mauro Betti, destaca-se: RICOEUR, Paul. **O conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica**. Rio de Janeiro, Imago, 1978.

¹⁴ Sociólogo, Doutor em Educação, Livre-docente em Educação Física na área de Estudos do Lazer. Foi professor da UNICAMP e da UNIMEP e consultor em Políticas Públicas de Lazer, Formação e atuação profissional e Lazer e educação por todo o país nas esferas municipal, estadual e federal. Foi líder do Grupo de Pesquisas em Lazer- GPL, pesquisador do CNPq e Autor de inúmeras publicações no Brasil no exterior com destaque para os livros “Lazer e Educação”, Lazer e Humanização”, “Pedagogia da Animação” e “Lazer e Esporte: políticas públicas”. Mais informações disponíveis em: <https://cev.org.br/qq/marcelin/>

é a mesma de se fazer um trabalho em dois anos ou fazer um trabalho em seis anos). Eu terminei o doutorado em 1997. E aí veio a publicação do livro "Janela de Vidro" em 1998, que é a tese de doutorado. E foi isso. Eu sempre fui uma pessoa muito observadora, atenta aos sinais, aos indícios do que está acontecendo. Sempre fiquei ouvindo, conversando com as pessoas, bebendo de várias fontes...

AQC: Como estamos fazendo esse resgate da sua trajetória, na segunda pergunta a gente faz essa retrospectiva da sua produção acadêmica. Peguei a última aqui: “Corporeidade, jogo e linguagem: a educação física nos anos iniciais”¹⁵, que tem tudo a ver com a temática da revista e essa perspectiva da educação física e suas relações com a linguagem..., mas pensando na sua produção, que você considera a principal, ou as principais, contribuições para o campo da Educação Física?

MB: *Uma é muito difícil... vou dizer assim, talvez por estar muito atento à dinâmica sociocultural, de um modo, talvez às vezes até um tanto intuitivo, eu consegui captar algumas problemáticas, e dar algum encaminhamento para essas problemáticas, ali no calor no momento. Então, por exemplo, o conceito de cultura, que no texto publicado em 1991 (mas eu escrevi esse texto em 1988, para uso didático), eu falava da “cultura física”. Porque eu li um texto, na disciplina do Professor José Guilmar Mariz de Oliveira¹⁶, quando fazia o mestrado na Educação Física, em que um autor polonês trazia esse conceito de cultura física. Ele era do Instituto de Cultura Física de Varsóvia, trabalhava numa perspectiva mais marxista, talvez por influência da União Soviética, ainda no auge da “guerra fria”¹⁷, e pensei: “isso aqui parece que rompe com o que eu tinha aprendido na graduação, as questões de condicionamento físico, de treinamento esportivo...” Então produzi um texto que, durante muitos anos, foi o meu texto mais lido: “Ensino de primeiro e segundo graus: educação física para quê?”¹⁸ Hoje é pouco lido, talvez porque o título se refere ao “primeiro e segundo grau” que já não se usa mais, mas foi um texto muito lido conforme eu vi nos indicadores. Então, essa noção de Cultura, eu acho que fui um dos pioneiros, ao lado do Valter Bracht¹⁹; não sei quem escreveu primeiro, mas não importa. Eu falo também do conceito de esportivização da educação física. Hoje é um conceito que muita gente fala, mas falar em 1988... Eu também descobri um livro de uma professora alemã, traduzido para o espanhol, que se referia à*

¹⁵ BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. **Corporeidade, jogo, linguagem: a educação física nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. São Paulo: Cortez, 2018. Mais informações disponíveis em: <https://www.cortezeditora.com.br/produto/corporeidade-jogo-linguagem-a-educacao-fisica-nos-anos-iniciais-do-ensino-fundamental-2194>

¹⁶ Doutor em Educação Física e ex-diretor da Escola de Educação Física da Universidade de São Paulo. Mais informações disponíveis em: <https://cev.org.br/biblioteca/entrevista-jose-guilmar-mariz-de-oliveira-phd/>

¹⁷ Mais informações disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_Fria

¹⁸ BETTI, Mauro. Ensino de 1o. e 2o. graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 282-287, jan. 1992. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mauro-Betti/publication/280922054_Ensino_de_1o_e_2o_graus_educacao_fisica_para_que/links/55cb4c6508aeca747d6bb448/Ensino-de-1o-e-2o-graus-educacao-fisica-para-que.pdf

¹⁹ Professor titular da Universidade Federal do Espírito Santo, onde coordena o Laboratório de Estudos em Educação Física do CEFDF. Foi presidente do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (1991/93 e 1993/95). Tem experiência na área de Educação Física, atuando principalmente nos seguintes temas: educação física escolar, formação continuada de professores, educação e epistemologia. Mais informações disponíveis em: <https://cev.org.br/qq/valter-bracht/>

“esportivización”, ideia de que a educação física na escola pudesse ser regida pelos cânones do esporte, do esporte formal, (ou do esporte espetáculo ou do “esporte telespetáculo”, como depois denominei). No “Janela de vidro” eu acho que também captei esse momento de crescimento da importância, cada vez maior, da importância das mídias influenciando os objetivos, os conteúdos e as estratégias da educação física escolar. E aí o conceito de “polissemia do Esporte” que eu tomei de um conceito do Paul Ricoeur sobre a polissemia das palavras, mas aí eu me referia mais ao tratamento polissêmico dado pelas mídias, porque, naquele momento, nós tínhamos uma ampliação das práticas corporais. Por exemplo, o surgimento dos chamados esportes radicais, das práticas orientais, das academias de ginástica... começou uma expansão muito grande dessas práticas e as mídias chamavam tudo isso de esporte, por falta de uma outra palavra. Aí também havia um significado para a experiência dos praticantes. Por fim, na Faculdade de Educação da Unicamp, fui procurar os programas de disciplinas nas quais eu poderia me inscrever (naquele tempo era tudo no papel, numa pasta) eu vi um “negócio” de semiótica. Um grupo de docentes, da Educação, liderado pelo professor Angel Pino (Sirgado)²⁰, também tinha descoberto a semiótica, estavam iniciando estudos, e ofereceram uma disciplina. Eles/elas fizeram um panorama dos principais autores da semiótica. Eu pensei: “isso aqui parece interessante”. Veja que, às vezes, o acaso faz parte da vida das pessoas... considerar que o acaso é importante também, você estar na hora certa, no momento certo. E aí o tema da linguagem, sobre o qual eu escrevi um artigo em 1994, o qual provavelmente foi o primeiro da Educação Física brasileira, que abordou a semiótica, e até hoje é muito citado. Acabou, agora, desembocando em 2019 com a BNCC, que incluiu a Educação Física na área de linguagens no currículo escolar.

AQC: Muito bom! Essa retrospectiva que você traz, muitas vezes a gente não percebe, exatamente porque tem muito artigo publicado que tem uma história por trás. Na sua pesquisa de doutorado você comentou, você focava na televisão e as implicações no contexto da Educação Física, trazendo para o campo da Educação Física brasileira. Passadas mais de duas décadas, como é que você analisa as contribuições teórico-conceitual ou metodológicas também ao contexto investigativo e pedagógico da Educação Física brasileira desse teu livro?

MB: *Bom então eu acho que a contribuição do livro, desde a sua problematização, é apresentar como as mídias, em especial televisão, é um fator, é um subsistema, de grande influência sobre a educação física escolar e sobre a compreensão do que é o esporte e suas. suas implicações, do ponto de vista da metodologia de ensino, das implicações para as aulas da Educação Física. Então eu apresento alguns princípios, sobre os quais a educação física escolar deveria estar atenta, para incorporar como as mídias poderiam contribuir para o enriquecimento das experiências educativas da Educação Física na escola, e não apenas com suas críticas no sentido de negação (propaga violência, aliena, etc.). E também uma contribuição trazendo autores de diversas tendências da sociologia, da filosofia, inclusive os pós-modernos como se falava naquela época, com autores franceses (Jean-François) Lyotard, já trouxe isso em 1997 na tese e em 98 no livro. Também Norbert Elias, autores de base marxista, o pessoal da sociologia do Esporte mais clássica, dialogando com todos eles e*

²⁰ Foi professor da UNICAMP de 1977 a 2003, quando se aposentou. De 2003 a 2009 atuou na UNIVALI. Estudioso da área de Psicologia da Educação na perspectiva da Psicologia histórico-cultural (antiga psicologia soviética), em desenvolvimento humano, cultura e semiótica, criação imaginária e estética. Mais informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/4295346213904587>

problematizando para chegar a uma proposição para Educação Física escolar, ao menos em termos de princípios. E do ponto de vista metodológico, eu acho que a hermenêutica foi muito importante. Porque a hermenêutica de Paul Ricoeur dialoga com as ciências. Como ele diz: “todas as interpretações são válidas, porém algumas são mais válidas do que outras”. E como é que você sabe que uma é mais válida que outra? Quando você confronta com a ciência e com a filosofia rigorosa. E aí, uma certa objeção que eu tenho hoje, nos trabalhos acadêmicos hoje em dia, é uma relativização excessiva que eu acho que se faz das interpretações. Por que eu acho que o livro ainda é atual? Embora a televisão aberta já é algo do passado, quase em extinção, inclusive os conteúdos da televisão eram muito diferentes de hoje. Houve um empobrecimento no espectro de temas, de conteúdos. Eu fiz depois num artigo mais modesto na “TV a cabo”. Mas a gente trocar “TV” pelas redes sociais, pelas plataformas digitais, pelas mídias digitais atuais, eu acho que o método hermenêutico continuaria válido para se fazer uma análise. E todo o percurso de problematização, de encaminhamentos e sínteses, inter-relacionando diversos autores que eu trabalhei, eu acho que isso ainda é um caminho (metodológico) perfeitamente atual.

AQC: E você tem um item no capítulo 2 (do livro Janela de Vidro) que fala “Educar para o audiovisual”. Então você já estava preocupado com essa questão, inclusive com a recente proposta de Política Nacional de Educação Digital²¹, você já estava sintonizado com algumas produções que também estavam acontecendo para além da Educação Física.

MB: *Eu fui procurar na Educação, na Comunicação o que havia publicado mais acessível. Eu ainda não tinha essa clareza da questão da “Educomunicação”²² ou da “Mídia-educação”²³. Isso, inclusive, chegou na Educação Física um pouco depois, lá no GTT de Comunicação e Mídia do CBCE²⁴.*

AQC: Como é que você avalia a configuração da Educação Física em relação a sua realidade escolar, em relação às limitações e possibilidades e perspectivas no que se refere a essa cultura digital?

MB: *Aí é uma pergunta difícil de responder, porque provavelmente, num país tão imenso como o Brasil, a gente precisa pensar em muitas realidades. Agora, eu posso falar pelo Estado de São Paulo. Eu converso com muita gente, conheço o interior, a capital. É algo que está na nossa vida, na vida de todo mundo. Cada vez mais nós dependemos das tecnologias digitais para fazer tudo. Está presente na vida das crianças, dos jovens. Aqui para nós, no Estado de São Paulo, é raro uma criança de 10, 11, 12 anos, ou jovens que não tenham um celular. Talvez em comunidades mais pobres, em outros lugares do Brasil, não seja a mesma realidade, mas, mesmo assim, de alguma maneira, isso vai alcançar essa pessoa. Eu lembro até que, durante a pandemia, fui tomar vacina e aí chegou um casal de idosos, carentes (percebi pelo vocabulário, vestimenta) e eles não tinham feito o cadastro necessário. A moça,*

²¹ Política Nacional de Educação Digital (PNED). Mais informações disponíveis em: <https://bit.ly/pned2023>

²² Mais informações disponíveis em: <https://abpeducom.org.br/educacom/conceito/>

²³ Mais informações disponíveis em: <https://educamidia.org.br/educacao-midiatica> Ainda sobre Mídia-educação, sugere-se a entrevista com a Profa. Monica Fantin também publicada neste dossiê.

²⁴ Mais informações disponíveis em: <https://www.cbce.org.br/gtt/gtt02-comunicacaoemidia>

então, falou: “vamos fazer o cadastro”, mas eles não tinham nada, eles não sabiam nem o que era cadastro, eles não tinham um celular, não tinham comprovante de endereço; então a gente ficou dependente disso. Agora, na escola, o que eu acho que tem que fazer é entender como tem se dado a experiência das crianças e jovens com os meios digitais. Como é a experiência deles? O quê eles fazem? Como eles usam? Como se relacionam? É só o Tik Tok? Eles fazem pesquisa nos buscadores?

AQC: Vou te interromper aqui um pouco, porque esse seu comentário tem tudo a ver com a próxima pergunta: Em relação às transformações do contexto da EF brasileira, passando a ser componente curricular a partir da LDB/1996, e, mais recentemente, como matéria de ensino que compõe a Área de Linguagens, segundo a BNCC – Base Nacional Comum Curricular, quais as novas demandas que são colocadas à EF quando a pensamos no contexto escolar?

MB: *Eu separaria... eu não acho que falar de Cultura Digital, Mídias e Linguagem está necessariamente no mesmo plano, embora tudo seja linguagem. Então eu acho que a Educação Física tem que aproveitar, algo que já eu falava sobre a televisão, as potencialidades da linguagem, do audiovisual, especialmente da imagem, da hibridação de linguagens que já está na televisão. Usar isso a favor dos nossos interesses educacionais. Não aqueles vídeos educativos chatos, que haviam nas décadas de 1980 e 90, mas usar as próprias produções que estão na televisão. Hoje, as possibilidades de criação de conteúdo são muito mais ricas. Qual foi a grande esperança quando surgiu a internet, as redes sociais? Ah bom, agora não vamos ser só receptores de conteúdo, nós vamos ser também produtores. Então, se inverteria a lógica de que só as grandes corporações midiáticas nos “alimentam” com conteúdo que são decididos por eles. Talvez foi uma esperança um tanto ingênua, porque hoje a gente vê que, também, a criação do conteúdo acaba sendo controlada, por exemplo, com os algoritmos. Mas existem potencialidades nas plataformas digitais, você conhece melhor do que eu, para ser apoio aos programas de ensino, para os planejamentos, para as estratégias. Mas isso demanda, além do domínio das ferramentas digitais, uma grande criatividade. É preciso muito investimento em capacitação, aceitar que vamos errar muito, que vai ser um processo de tentativa e erro; mas eu vejo muitas escolas já trabalhando de modo criativo, não apenas comprando aqueles pacotes prontos. Eu tenho uma filha de 12 anos que tá na educação básica e eu vejo que se usa assim, é quase como substituto do livro. Eu vejo pouca possibilidade de criação, de interação. Mas já vi umas duas ou três escolas, que dão a/o professor/a uma maior autonomia para criar conteúdos nessas plataformas e enriquecer os seus processos de ensino e aprendizagem. Agora, sobre a linguagem, eu poderia começar dizendo que a Educação Física sempre foi linguagem. Não foi a BNCC quem inventou isso. Ela sempre foi porque é a linguagem do corpo e do movimento. Então, mesmo naquelas ginásticas “quadrinhas”, de movimentos retilíneos e tal, com aquelas finalidades de adestramento ou preparação militar, aquilo também é linguagem, porque corpo e movimento também produzem signos. E eu tenho uma divergência em relação ao entendimento de linguagem da BNCC. Não sei se é o caso de a gente falar disso aqui, só diria rapidamente assim: pra mim, linguagem é uma capacidade, não é uma “coisa”. Tal ginástica está aqui na prateleira, eu vou lá, retiro ela e analiso seu significado. A linguagem é uma capacidade humana de produzir significados. Inclusive alguns autores do Brasil, que eu gosto muito, como*

Décio Pignatari²⁵, que estudam a semiótica, que é a ciência da linguagem, preferem, ao invés de chamar de linguagem, chamar de “signagem”. Então, quando se fala em linguagens, na verdade estão se referindo a diferentes sistemas de signos que, uma vez organizados como linguagem, são capazes de produzir informação e comunicação.

AQC: A próxima pergunta, acho que você já vai dar alguns caminhos. Diante da dinâmica sociocultural que experienciamos cotidianamente e aos usos que fazemos das tecnologias digitais de informação e comunicação, bem como, das próprias atualizações e desatualizações dessas tecnologias, que sugestões aponta para professores(as) e pesquisadores(as) em relação às formas de acompanhar e atuar com os saberes e práticas da EF no contexto da cultura digital?

MB: *Como temos diferentes sistemas de signos, se você pegar os signos que estão presentes aí nas redes sociais, nas plataformas (um exemplo são os emojis), eles também são linguagem. Então podem ser chamadas de “linguagem das mídias”. Agora qual é a grande sacada aí? É que elas possibilitam a hibridação desses sistemas de signos, ou que a se chama de “semiose”. Se for ver na BNCC, a palavra semiose vai aparecer muito em língua portuguesa, em especial no ensino médio. Eles estão falando da hibridação, mas tendo em vista a comunicação mais linguística. Hoje não se restringiria mais às palavras, você hibrida as palavras com imagens, com sons, com vídeo, que é tipicamente o que acontece na linguagem, chamar YouTube, nas próprias plataformas educativas, essa hibridação. Ora, quem mais faz hibridação de sistemas de signo na escola é Educação Física e Arte. Nós sempre fizemos isso. O Alfredo Gomes e Faria Júnior, no seu famoso livro (que o Laercio Elias Pereira²⁶ chama de livrão) “Didática da Educação Física”²⁷, foi o primeiro livro, na década de 1960-70, que já dizia que o professor de Educação Física precisava dinamizar os seus processos de ensino pelo uso dos modernos meios de comunicação. Então a gente vê aí gente achando que é um grande inovador, que “eu descobri uma coisa”, “estou inovando” ... Não é bem assim. É claro que hoje as possibilidades são muito imensas e a gente na verdade tem pouca experiência concreta, pouca avaliação dos efeitos disso. Mas eu conversei recentemente com um professor da rede particular da cidade de Guarulhos no estado de São Paulo, e ele usa uma plataforma, não recordo qual é, mas é ele que cria o conteúdo e as possibilidades de interação para os(as) alunos(as). Então ele usa aquela ideia de aula invertida; polêmica, mas enfim... eu não vejo problema, desde que tenha uma finalidade clara. E aí ele posta coisas pros alunos consultarem, aí ele tem a aula, daí tem uma tarefa, os alunos conversam entre si, produzem textos... é um processo muito dinâmico, muito rico, então, acho que nós temos que explorar isso concretamente, fazendo trabalhos lá no “chão da quadra” e pela janela ou pela tela. Como diz a música: “eu vejo tudo enquadrado, remoto controle”²⁸.*

AQC: O que você identifica ser necessário para esses novos pesquisadores de educação física, que se envolvem com a temática das mídias, das tecnologias, para seguir

²⁵ Mais informações disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/D%C3%A9cio_Pignatari

²⁶ Mais informações disponíveis em: <https://cev.org.br/qq/laercio/>

²⁷ FÁRIA Jr., Alfredo Gomes de. **Introdução à Didática de Educação Física**. Coleção: Educação Física Mundial - Técnicas Modernas. Editora: Honor Editorial, 1972. Mais informações disponíveis em: <http://www.atlasesportebrasil.org.br/textos/286.pdf>

²⁸ Mais informações em: <https://www.letras.mus.br/adriana-calcanhotto/43856/>

produzindo conhecimento e que considere exatamente isso que você falou, essas experiências pedagógicas da e na escola?

MB: *Acabei já respondendo um pouco essa questão antes. Eu acho que tudo bem a gente compreender os conceitos, compreender os aspectos macroscópicos, políticos, econômicos que estão por trás de toda essa esses aparatos e dispositivos digitais. Porque você tem aí um monopólio, então a gente não pode ser ingênuo de achar que é um neutro. Mas ele ainda possibilita, usando a terminologia da teoria dos sistemas, ainda tem alguns graus de liberdade. Por exemplo, o que nós estamos fazendo aqui. Agora, o desafio primeiro é inserir isso na formação dos e das docentes, inicial e continuada. Que ela ou ele saiba que há ferramentas para usar a favor dos seus interesses pedagógicos, das finalidades a serviço do projeto político pedagógico da escola. E os(as) pesquisadores(as), eu acho que tem que ir lá para o concreto. Como você fez na sua tese, embora foi mais na entrevista, o questionário, mas se perguntar como as professoras e professores estão lidando com isso? Esse é o hall de entrada. O quê eles acham? O que eles usam? Acompanhar algumas experiências mais de perto e pesquisar com eles e elas. Com as professoras e professores e não sobre eles e elas. Acho que esse é um grande desafio hoje para o sistema de pós-graduação em educação e educação física, que é se tornar parceiro dos e das docentes das escolas. Nós temos uma expertise que não é idêntica à dos docentes e das docentes que estão lá na Educação Básica. São expertises que em algum momento se sobrepõem, mas em outros se diferenciam. Então é preciso um trabalho de parceria para a gente conseguir avançar, porque senão, continuaremos naquela coisa: “a gente fica aqui na nossa sala bolando umas coisas geniais”, mas não chega lá, não chega lá na ponta, ou, se chegam, não funcionam...*

AQC: É, bem lembrado... Eu vou fazer um parêntese aqui (essa pergunta não estava elaborada), por conta da sua fala, você pode comentar um pouquinho como é que você vê a experiência do PROEF por conta dessa fala de aproximar. Você acha que o Programa de Formação do Mestrado Profissional em Educação Física Escolar tem essa característica?

MB: *Eu não participei²⁹ (não porque não quisesse) então não conheço bem. Conheço os documentos, mas você sabe que entre a intencionalidade político pedagógica e como uma coisa se concretiza há uma distância. Esse é o grande erro, eu acho os pedagogos acharem que a intencionalidade pedagógica que está na minha cabeça, automaticamente, se concretiza na experiência dos alunos e alunas. Mas acho que o mestrado profissional, em tese, é o caminho mais viável para realizar isso que eu disse, essa coisa de parceria. E sem uma negação da teoria, porque teoria é abstração, toda a teoria é abstrata porque ela tem que tentar abranger, compreender e explicar o maior número possível de fenômenos. Quanto mais fenômenos eu consigo compreender e explicar, melhor essa teoria. Então ela tem uma vocação de generalização e, portanto, é abstrata. Negar isso é outro equívoco que se comete do ponto de vista epistemológico. A cada vez eu vou ver em que medida aquela teoria me ajuda a compreender aquela situação concreta. Então a teoria não é para ser aplicada, teoria é uma ferramenta para me ajudar a compreender e me movimentar naquele contexto concreto. O*

²⁹ No momento da entrevista o prof. Mauro Betti não estava credenciado no PROEF. A partir de outubro de 2023 foi credenciado no polo IFSULDEMINAS-Muzambinho (MG).

mestrado profissional, em tese, teria condições de fazer isso. Como ele está se desenrolando, eu não sei bem. Não sei, acho que ainda está em teste.

AQC: Em relação às possibilidades da cultura digital, o que considera fundamental na formação de professores(as) de EF? Você comentou um pouco que isso precisa estar presente na formação. Você consegue destacar algo?

MB: *Eu acho que o ideário da mídia-educação tem já sugestões de encaminhamentos de como lidar com isso. Aprender a ler, interpretar as mensagens, aprender a produzir, que é aquela clássica tríade: “educação com as mídias, para as mídias e sobre as mídias”³⁰. Então acho que já tem uma estrutura para a gente pensar os conteúdos e os objetivos de uma educação midiática na graduação. Eu mesmo ministrei uma disciplina aqui na UNESP de Bauru (SP), mas era optativa e tinha uma relativa adesão. Mas não entra no escopo da nossa tradição curricular. Nós temos currículos, eu acho, já bastante ultrapassados em termos de sua concepção, no fundo continuamos pensando em “esporte, dança, luta, história, fisiologia, etc., tudo como disciplinas isoladas. Embora foi um avanço, talvez de 20 anos para cá, falar em “Educação Física infantil, Educação Física no ensino fundamental, Educação física no ensino médio”, porque daí você tem uma integração maior. Não fica só no departamento de Educação Física, ou no departamento de Educação da Faculdade. Os próprios departamentos de Educação Física passaram a assumir a Educação Física escolar como objeto específico. Mas não temos um “currículo temático”. Quer dizer, minha “utopia”, “sonho de consumo” é ver um currículo temático. Saúde, esporte, mídia, cultura digital, linguagem, corpo e movimento como linguagem... provavelmente agora, na questão da linguagem, haverá disciplinas que vão tratar especificamente do tema da linguagem. Mas talvez não seja até muito coerente, porque ela teria que atravessar todas as disciplinas... porque tudo é linguagem. Fisiologia também é linguagem. A gota de suor que escorre quando eu faço um exercício intenso ou a dor que eu sinto depois de malhar, isso também é signo, diz algo sobre o meu organismo. E eu tenho que aprender a ler esses signos. Eu já dizia isso em 1994: a Educação Física tem que ensinar as pessoas a lerem os seus signos corporais. Eu não vejo isso como algo que tem sido percebido no processo de formação. Eu mesmo já ministrei uma disciplina optativa com abordagem semiótica na Unesp de Bauru, mas foi algo temporário.*

AQC: [O currículo] acaba ficando um pouco personalizado no interesse daquele professor que está ali naquele momento...

MB: *Exatamente. Essas coisas não foram incorporadas como algo fundamental. Continuamos com uma visão extremamente disciplinar. O próprio nome já é comprometedor: algo “disciplinado”, tem que ser daquele jeito, se desviar você tá fazendo uma transgressão, você pode ser punido.*

AQC: Nosso amigo Laércio que o diga, ele sempre fala do componente curricular...

³⁰ BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. *Educação & Sociedade*, v. 30, n. 109, p. 1081–1102, set. 2009.

MB: Ele fala isso há muitos anos, mas as coisas não mudam. Porque, na verdade, se for ver como é constituído um currículo, é um campo de disputa, de luta de interesses, de simbolismos, de relações de poder. O que menos conta, na verdade, é uma interpretação rigorosa e profunda da realidade dos graduandos e graduandas, cujos perfis mudaram muito ao longo do tempo. Mudou muito de quando eu fiz o curso na década de 1970. Ou mesmo mais recentemente; então, de modo geral, a universidade está sempre atrasada. Há quem diga, até, que a universidade está fadada à morte. Eu lembro que na década de 1980, havia um professor francês visitante na USP, Gérard Lebrun³¹, e ele publicou uma matéria em um jornal em que questionava, já naquela época, como avaliar a produtividade dos docentes. Você não tinha um instrumento tão azeitado como tem hoje, via CAPES³². A CAPES, se você respirou mais fundo, a CAPES já sabe. Ele disse assim, criticando isso, essa tentativa de avaliar os docentes: “é melhor ter nove vagabundos e um gênio, do que dez medíocres”. A afirmação é polêmica, mas ele fez para polemizar mesmo, para provocar o debate. Outra coisa que ele disse: “A universidade é uma velha e agonizante senhora. Deixemo-la morrer em paz” [risos]. Hoje, exatamente por causa dos meios [de comunicação], das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação, acontecem coisas do ponto de vista acadêmico, profissional, muito mais interessantes do que aquilo que está acontecendo nas universidades. Por exemplo, essa conversa aqui, que poderá se tornar pública. Um exemplo, para usar um termo que eu tenho ouvido muito recentemente dos mais jovens, inclusive recentemente no CONPEFE³³, um evento que me impactou muito nos últimos anos, foi o Webinário do Chão da Quadra³⁴. Em plena pandemia, cada um isolado na sua casa, pelo Brasil inteiro e até fora do Brasil, todo mundo convergiu, num evento multitemático, com gente falando de tudo quanto é coisa, um monte de abordagens, de possibilidades, algo extremamente rico que marcou a Educação Física. Por que, como há várias “Educações Físicas”, abrem-se muitas possibilidades. Ter sonhos de hegemonia é delírio. Não adianta buscar hegemonia. Eu tenho uma visão muito crítica disso. Quando você pensa do ponto de vista didático-pedagógico, do que pode acontecer lá no chão da quadra, as possibilidades são imensas, e essas possibilidades estão muito mais hoje fora das salas de aula das universidades do que dentro. Elas estão aí, estão no mundo, e os meios digitais fazem parte do mundo, para o bem ou para o mal. Mas temos que ficar vigilantes como cidadãos para não nos deixar dominar, para contestar quando for necessário, para participar dos processos políticos decisórios, que também podem ser potencializados pelos próprios.

AQC: As perguntas que elaboramos no nosso roteiro já estão encerrando e antes de pedir para você as últimas considerações, tenho uma questão extra, que não estava no escopo, mas eu queria ouvir tua opinião.

MB: *Essas que são boas na verdade!* [risos]

³¹ Mais informações disponíveis em: <https://filosofia.fflch.usp.br/node/5711>

³² Mais informações disponíveis em: <https://www.gov.br/capes/pt-br>

³³ Mais informações disponíveis em: <https://www.rebescolar.com/conpefe-2023>

³⁴ FINARDI, Francisco; COSTA, Alan Queiroz da. I Webinário Chão Da Quadra 2020: Educação Física Escolar Conectando Professores. **Rebescolar - Revista Brasileira de Educação Física Brasileira Escolar**, v. ago. 2022, p. 4-15, 2022. Disponível em: <https://www.rebescolar.com/acervorebescolar>

AQC: Eu tenho me questionado a respeito das terminologias, das linguagens, da forma que usamos os conceitos, os termos. Nessa questão das terminologias, quanto aos usos das tecnologias na Educação Física, na Educação, como você vê a importância de uma coesão, de uma similaridade ou de um entendimento comum no uso desses conceitos? Como muitos deles se parecem e parecem indicar um olhar em trabalho similar, mesmo sabendo que as suas construções conceituais, epistemológicas nem sempre são escopo, as mesmas.

MB: *Eu lembrei do Charles Sanders Peirce³⁵, o “pai” de uma das correntes da semiótica, a lógica geral dos signos ou pansemiótica, que diz assim: quando duas pessoas ficam divergindo sobre escopo, termos, sobre denominações (eu diria, sobre rótulos), e como ele era um pragmatista, é preciso imaginar quais seriam os efeitos práticos desse conceito. Mas atenção, quando Peirce fala em “prático”, não estamos falando de praticismo, o caminho mais fácil. Pragmatismo hoje é uma palavra mal dita, mal usada, como se fosse sinônimo de praticismo. Eu sempre explicava para meus alunos: praticismo é você buscar o caminho mais fácil para resolver um problema. E faz parte da nossa vida cotidiana. Se você tem uma chave de fenda para parafusar, você não vai usar uma caneta. Mas o pragmatismo vai dizer que o melhor caminho é o caminho onde se aprende mais, para você poder, depois, lidar com situações semelhantes do futuro. Então, veja, isso é muito, muito inteligente, muito perspicaz. Continuando, pode-se dizer assim; ora se os efeitos práticos podem ser imaginados, potenciais, se eles são os mesmos e só diferem nas denominações, para quê vamos ficar discutindo os nomes que se dão para isso? Eu vejo isso muito na Educação Física. “Ah! Mas eu sou crítico superador, eu sou crítico emancipatório, eu sou crítico libertador..., mas é tudo mais ou menos na mesma direção, embora não totalmente idênticos. Eu vejo isso muito mais como uma disputa pela hegemonia e pelo mercado acadêmico do que como uma disputa conceitual. A gente não precisa também padronizar, é só a gente se entender melhor, conversar mais e respeitar o outro. Eu chamo uma coisa de “X” você chama de “Y”. Tá bom, mas explica para mim o que é esse “X”? Do que ele fala? Para onde ele aponta? O que é esse “Y”, o que ele fala e para onde aponta? Para finalizar, vou contar uma historinha aqui. Tinha tios muitos queridos lá de Santo André, no ABC (SP) e me contaram quando eu ainda era adolescente. Eles tinham um bar. E um freguês sempre dizia (naquele tempo só tinha duas cervejas, tinha Brahma e tinha Antártica, não tinha outra) que dizia: “cerveja boa para mim é a Brahma, essa Antártica é uma porcaria (naquele tempo só tinha duas marcas de cerveja, Brahma e Antártica, não tinha outra). Aí fizeram uma brincadeira com ele, trocaram os rótulos. Porque as garrafas eram todas iguais, aquela garrafa marrom. E colocaram o rótulo da Antártica na garrafa da Brahma, e ele tomou e foi achando uma delícia. Porque ele estava bebendo o rótulo. Ele não entendia, na verdade, de cerveja, ele não sabia apreciar o paladar da cerveja. Appreciar... apreciar os conceitos, as teorias. E depois eu posso concordar, discordar, gostar, não gostar, mas primeiro a gente tem que entender. Eu vejo na Educação física muitos dissensos. Dissensos em excesso. Não acho que tem que haver unanimidade, de modo algum, nem necessariamente consensos, muito menos hegemonia. Mas a gente tem que dialogar mais, e admitir que ninguém é dono da verdade, que é possível se enxergar alguns consensos ao menos na direção, na finalidade última, que tá lá na frente. E quem pode ser contra uma sociedade mais igualitária? Quem pode ser contra o combate aos preconceitos, não é? O combate a essa sociedade cruel, violenta que, tanto fisicamente como simbolicamente, essa violência simbólica que nós vivemos aqui no Brasil. Eu, para usar o que*

³⁵ Mais informações disponíveis em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Sanders_Peirce

o pessoal tá gostando de falar, sou esse homem branco, euro descendente, de classe média, professor universitário, saio com meu carrinho usado de classe média “mixa” e eu vejo, cada vez mais, moradores de rua, crianças, jovens ou adultos pedindo nos faróis, vendendo bala, e não vejo ali nenhum branquinho, nunca vi nenhum bem branquinho de olhos claros e cabelo loiro, nunca vi. Sempre são pardos ou pretos, para usar a tecnologia do IBGE. Então como é que eu vou dizer que não tem racismo estrutural? Quem pode ser contra a educação antirracista? Só se for fascista, essa coisa horrível aí que nós vimos nos últimos anos. Então, na Educação Física, estamos todos no mesmo barco. Para finalizar, tudo que a gente conversou aqui, sobre cultura digital, sobre possibilidades de enriquecimento dos processos de ensino e aprendizagem e tal, não pode ser uma coisa isolada da Educação Física. Não pode ser só a Educação Física a fazer isso, tem que ser um projeto da escola. E eu vejo, na Educação Física (e eu fui professor de um curso de pós-graduação em Educação, que tinha colegas de várias áreas), e eu vejo na Educação Física uma riqueza, uma energia pulsante, em termos de criatividade, de motivação (motivação política inclusive, metodológica). Vontade de transformar também tem nas outras, mas sozinho nós não vamos fazer nada. Nós temos que começar a pensar em interação, em projetos integrados na escola. E com a Educação Física na área de linguagem, há uma oportunidade única; não podemos perder essa oportunidade histórica que é começar a integração com língua portuguesa e artes. Porque nos deram de bandeja: “vocês estão na área de linguagem”. Nós temos, então, que integrar com língua portuguesa e artes, se não, nós não seremos de fato da área de linguagem ou linguagens, nós estaremos nos enganando. Enganando a escola. E para compreender linguagem, tem que, minimamente, conhecer semiótica, que é a ciência da linguagem. Talvez essa parte final aqui, ficou melhor que a entrevista. Espero que você não a exclua. [risos]

AQC: De maneira alguma. Para encerrar, gostaria de saber se tem alguma pergunta que a gente não fez, ou algum comentário que você gostaria de fazer, algum registro, porque eu acho que “ficou melhor do que a encomenda”. Então deixo este espaço para você fazer os seus comentários finais.

MB: *Eu acho que eu acabei já fazendo uma finalização na resposta anterior. Só pra enfatizar, eu acho que não dá mais para a gente pensar que nós vamos mudar o mundo com uma aula, às vezes, duas aulas de Educação Física por semana. Então eu acho que nós já demos um grande passo, ou vários passos, desde a década de 1990 admitindo que a Educação Física é, também, uma pedagogia. Mas não é uma pedagogia só vinculada com as ciências humanas. Como está no livro “Corporeidade, Jogo e Linguagem” que eu escrevi junto com o professor Pierre Normando Gomes da Silva³⁶. Educação Física é educação e saúde, eu e Pierre dissemos. Tá com um pé nas ciências humanas, e um pé nas ciências biológicas. Não podemos, não temos que eliminar coisas, nós temos que agregar coisas. Não temos que usar “ou”, “ou isso, ou aquilo”, temos que pensar em termos de “e”, “e isso, e aquilo”, desde que seja coerente com a finalidade, onde nós queremos chegar, o que queremos alcançar. Então já demos esse passo, ao menos no campo acadêmico. E agora dar um passo seguinte, que é no campo da Educação Básica. E o passo inicial é a integração com Língua Portuguesa e Arte. E avaliar a que chegamos, e quem sabe depois não pensar mais as coisas sempre disciplinarmente, sempre separadamente.*

³⁶ Mais informações disponíveis em: <http://lattes.cnpq.br/2826378188128750>

AQC: Eu acho que foi um bate-papo maravilhoso. Eu queria te agradecer demais e vamos marcar mais conversas dessas, quem sabe, pessoalmente.

MB: *Obrigado. Eu gostei muito da conversa. Também obrigado pela oportunidade, por me deixar elucubrar um pouco.*

Sugestões de leitura sobre a produção da Profa. Monica Fantin

Finalizando a entrevista realizada, sugerimos a leitura e visualização de algumas produções do Prof. Mauro Betti.

Livros:

BETTI, Mauro. **Educação física e sociedade: a Educação Física na escola brasileira**. 3. ed. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2020. v. 1. 244p.

BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. **Corporeidade, Jogo, Linguagem: a Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2019. v. 1. 237p.

BETTI, Mauro. **Educação Física escolar: ensino e pesquisa-ação**. 2. ed. Ijuí-RS: Editora Unijuí, 2013.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. 5. ed. Campinas, SP: Papyrus, 2010. 174p.

BETTI, Mauro. **Educação Física e Mídia: novos olhares, outras práticas**. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 2010. 137p.

BETTI, Mauro. Ijuí: Unijuí, 1997. 151p.

Artigos:

BETTI, Mauro. As três semióticas e a educação física como linguagem. **Revista Conexões**, v. 19, p. e021021, 2021.

BETTI, Mauro. A versão final da Base Nacional Comum Curricular (ensino fundamental): menos virtudes, os mesmos defeitos. **REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**, v. 4, p. 156-175, 2018.

BETTI, Mauro; KNIJNIK, Jorge; VENANCIO, Luciana; SANCHES NETO, Luiz. *In: search of the autonomous and critical individual: a philosophical and pedagogical analysis of the physical education curriculum of São Paulo (Brazil)*. **Physical Education and Sport Pedagogy**, v. 20, p. 427-442, 2015.

BETTI, Mauro; GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando; GOMES-DA-SILVA, Eliane. Uma gota de suor e o universo da Educação Física: um olhar semiótico para as práticas corporais. **Kinesis** (Santa Maria), v. 31, p. 91-106, 2013.

BETTI, Mauro. Imagens em avaliação: uma pesquisa sobre o uso de matérias televisivas em aulas de Educação Física. **Educar em Revista** (Impresso), v. 2, p. 137-152, 2010.

BETTI, Mauro. Esporte na mídia ou esporte da mídia? **Motrivivência**, Florianópolis, v. 17, p. 107-111, 2002.

BETTI, Mauro. Mídias: aliadas ou inimigas da educação física escolar? **Motriz** (Rio Claro), Rio Claro, v. 7, n. 2, p. 125-129, 2001.

BETTI, Mauro. Ensino de 1º e 2º graus: educação física para quê? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 13, n. 2, 1992.

Entrevistas e vídeos:

A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR ENTRE OS DISCURSOS E AS PRÁTICAS. Prof. Mauro Betti. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=5_JhSshvbOE

A Educação Física na BNCC: avanços e limites - Prof. Mauro Betti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dPRqouN-pfo>

BNCC Educação Física: possibilidades e limites. Prof. Mauro Betti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CYlonD-HVHI>

Historiando - Episódio 6 - Mauro Betti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2Wr1r8HPNno>

Mídias sociais:

Instagram: www.instagram.com/betti_mauro

Facebook: www.facebook.com/maurobettionline

YouTube: Mauro Betti online

<<https://www.youtube.com/channel/UCZM371qeGsFaO9ncQdAbJfg>>

Contribuições da autoria

Autor 1: Entrevistado, respostas e revisão de todo conteúdo.

Autor 2: Entrevistador, organizador do texto com inclusão das sugestões de materiais sobre o entrevistado, revisão geral da entrevista.

Data de submissão: 10/10/2023

Data de aceite: 10/10/2023